

REVISTA HISTÓRIA EM CURSO, V.7. N°.11, Mês Dez. Ano 2025.

A ESCRAVIDÃO EM DEBATE NO ROMANCE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, de MACHADO DE ASSIS

SLAVERY IN DEBATE IN THE ROMANCE “THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRÁS CUBAS”, BY MACHADO DE ASSIS

FERNANDO RODRIGUES DA COSTA¹

Data em que o trabalho foi recebido: **28/01/2025**

Data em que o trabalho foi aceito: **26/04/2025**

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira pela FFCLH/USP e bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui Graduação em Letras pela USP e Mestrado pela UNESP. E-mail para contato: fernando_aulas@hotmail.com Link Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9796-9763>

A ESCRAVIDÃO EM DEBATE NO ROMANCE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, DE MACHADO DE ASSIS

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo realizar uma análise do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) por meio de um recorte que visa suscitar questões em torno da escravidão no Brasil. Com efeito, será possível lançar mão de pressupostos que estão articulados dentro da própria obra e que tendem a iluminar este tema, sendo os capítulos “O menino é pai do homem” e “O vergalho” passíveis de maior aprofundamento nesta breve análise. A fortuna crítica aplicada no estudo pretende abarcar os principais estudiosos que contemplam não apenas a obra do escritor, mas também alguns pontos da proposta escolhida. Entre eles, Antonio Candido (1918-2017), Roberto Schwarz e Hélio de Seixas Guimarães se mostram imprescindíveis para discutir a obra machadiana. Os dois primeiros eixos trazem as características fundamentais do romance, tratando de aspectos inerentes ao narrador-protagonista Brás Cubas e destacando como estes pontos alinharam-se com as observações trazidas pelos textos analíticos. Os dois últimos eixos visam um exame mais detido dos capítulos escolhidos em consonância com as circunstâncias da escravidão no Brasil, os acontecimentos históricos, as relações de trabalho e os diferentes embates sociais existentes no país durante o século XIX.

Palavras-chave: Machado de Assis. Escravidão. Memórias Póstumas de Brás Cubas. História do Brasil.

SLAVERY IN DEBATE IN THE ROMANCE “THE POSTHUMOUS MEMOIRS OF BRÁS CUBAS”, BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT

This article aims to analyze the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880) through a section that aims to raise questions about slavery in Brazil. In fact, it will be possible to draw on assumptions that are articulated within the work itself and that tend to illuminate this theme, with the chapters “O menino é pai do homem” and “O Vergalho” being subject to greater depth in this brief analysis. The critical fortune applied in the study aims to encompass the main scholars who contemplate not only the writer's work, but also some points of the chosen proposal, among them: Antonio Cândido (1918-2017), Roberto Schwarz and Hélio de Seixas Guimarães are essential to discuss Machado's work. The first two axes bring the fundamental characteristics of the novel, dealing with aspects inherent to the narrator-protagonist Brás Cubas and highlighting how these points align with the observations brought by the analytical texts. The last two axes aim at a more detailed examination of the chapters chosen in line with the circumstances of slavery in Brazil, historical events, labor relations and the different social conflicts that existed in the country during the 19th century.

Keywords: Machado de Assis. Slavery. The Posthumous Memoirs of Brás Cubas. History of Brazil.

INTRODUÇÃO

O romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi publicado pela primeira vez de forma seriada na *Revista Brasileira* entre os meses de março e dezembro de 1880, tornando-se livro apenas no ano seguinte. Segundo a fortuna crítica do autor, a obra inaugura a fase madura de Machado de Assis, percebida como mais ousada e contundente. Roberto Schwarz, em seu livro *Um mestre na periferia do capitalismo* (2012), ressalta como paradigma central do texto o fato de Machado transportar a figura do narrador para a ótica das classes dominantes. De fato, esta mudança de enfoque da terceira para a primeira pessoa, além de desmascarar, evidencia de perto os problemas, defeitos e características da personagem, escancarando os abusos e desmandos das camadas privilegiadas:

Se estivermos certos, este quadro permite apreciar a genialidade da viravolta operada nas *Memórias*. Já não se trata de buscar um freio – irreal – à irresponsabilidade dos ricos, mas de salientá-la, de emprestar latitude total a seu movimento, incontrastado e nem por isso aceitável. O tipo social do proprietário, antes tratado como assunto entre outros e como origem de ultrajes variados, passava agora à posição (fidedigna?) de narrador (SCHWARZ, 2012, p. 226-227).

Sobre o aspecto da desfaçatez das classes abastadas, um dos primeiros pontos que chamam a atenção do leitor no romance é o diálogo que o personagem Brás Cubas estabelece desde os capítulos de abertura. Nota-se um horizonte que visa legitimar a posição e perspectiva do protagonista, algo similar ao que ocorre também com o narrador Bentinho no romance *Dom Casmurro* (1900). Pode-se perceber que ambos buscam assim a consagração de verdades enxergadas apenas por uma ótica: “Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor” (CANDIDO, 2014, p. 54).

As provocações de Brás Cubas ao leitor surgem sempre de maneira contumaz e incisiva, como no trecho que diz: “A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa, se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus” (ASSIS, 2017, p. 53). Como visto, este traço é uma constante que se mantém até as últimas páginas do livro e, como poderemos perceber no decorrer da análise, tende a revelar a visão desabusada e autoritária das classes abastadas no Brasil.

É possível observar na figura de Brás Cubas, como inclusive o próprio personagem nos recorda, que este não se trata de um autor defunto, mas sim de um defunto autor, que após expirar pretende contar suas memórias como forma de passar o tempo no vácuo eterno e se possível entrar para a posteridade. A ambição é, não obstante, uma das peculiaridades mais emblemáticas da

personagem que culmina em sua inesgotável “sede de nomeada”, mostrando logo nos primeiros capítulos parte da genealogia da família Cubas e chegando aos efeitos motivadores para a criação de um “emplasto”. Este rapidamente se tornaria uma grave obsessão, transformando-se na “ideia fixa” que finalmente poderia trazer a tão sonhada fama que estamparia o nome “Brás Cubas” nas capas de jornais. Percebemos que não é o que de fato ocorre e logo o personagem alega ter ficado enfraquecido e doente, não pelos prejuízos decorrentes da saúde, mas sim por conta da ideia.

Outro ponto relevante é que as memórias são contadas em capítulos curtos e que denotam a fragmentação de uma história não linear, temos assim um modo de contar que não seguirá uma cronologia fixa, pautando-se pelos caprichos do defunto que tem ao seu lado a vantagem da “eternidade”. Inclusive, Brás resolve iniciar as suas lembranças pelo exato momento que expira em sua chácara no Catumbi: “às duas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869” (ASSIS, 2017, p. 55). É importante notar que o enterro foi seguido por onze amigos. Aquele que realiza o discurso frente ao túmulo o faz somente por ter recebido vinte apólices. Já nas primeiras páginas percebemos o tom irônico e sarcástico que se condensa com deturpações de caráter, algo que fará parte constante do ritmo narrativo.

É possível ainda salientar as temáticas do tempo, da morte, do interesse, do dinheiro, da hipocrisia e do medo da obscuridade. Todas elas parecem servir em certa medida como os motes principais que funcionam na urdidura do texto. O romance está dividido em 160 capítulos com tamanhos variáveis, onde percebe-se que cada unidade, por maior ou menor que seja, leva um título emblemático dotado de características essenciais que ironizam ou dialogam com seus conteúdos. Vale lembrar que os capítulos que formam as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* estão inteligentemente amarrados. O autor utiliza-se de uma estratégia onde inúmeras vezes o título do próximo capítulo retoma o anterior ou mesmo o final de uma reflexão torna-se em realidade o motivo para um assunto que será posteriormente desenvolvido.

No livro *Machado de Assis, o escritor que nos lê* (2017), o pesquisador Hélio de Seixas Guimarães chama a atenção para as inovações trazidas por Machado na medida em que o autor quebrava certos preceitos até então cristalizados sobre a construção da forma romance:

Machado reiterava do frontispício dos seus livros o indefectível “Romance Brazileiro” (ausência, aliás, bem notada por José Veríssimo). No seu lugar, inseria prólogos e prefácios que afirmavam o desvio em relação aos romances de costumes e às narrativas edificantes e buscavam relativizar e ampliar as noções do que era, poderia ou deveria ser um romance produzido no Brasil. Com isso, punha em ação o programa literário implícito em “Instinto de Nacionalidade” e rompia com as enormes limitações colocadas de início para o romance no panorama romântico local, recuperando de certa maneira as potencialidades associadas ao gênero nas origens do romantismo:

o romance nem tanto como um gênero, mas como *meio* de expressão dos mais diferentes gêneros, forma literária aberta, reflexiva, fragmentária e crítica por excelência (GUIMARÃES, 2017, p. 53).

Sob a perspectiva da forma, vemos que a fragmentação se torna um dos aspectos fundamentais neste romance machadiano, junto com a crítica aguda, o tom irônico, o humor sarcástico e o jogo proposto com o leitor. Nesta primeira parte do artigo serão abordados os temas gerais que formam os alicerces de compreensão da narrativa e os pontos de vista das personagens. Seguiremos em uma observação arguta da trajetória de vida que Brás Cubas desenvolve em suas memórias, sempre buscando questões relevantes que refletem sobre a postura das diferentes classes sociais e que revelem aspectos necessários sobre a formação do Brasil. O recorte utilizado para o estudo em questão tratará o tema da escravidão. Desse modo, será central a figura do escravo Prudêncio no romance *Memórias Póstumas*, que pode ser evidenciada no capítulo intitulado “O menino é pai do homem” e também em outros capítulos da obra como em “O vergalho”. Ambas as partes serão discutidos em conjunto com fatores importantes do romance e da crítica fomentada ao redor do tema e do autor.

A TRAJETÓRIA DE BRÁS CUBAS

Ao longo das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nos deparamos com histórias contadas por este ácido narrador-protagonista, trajetória que ele mesmo satiricamente diz ter escrito com “A pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio” (ASSIS, 2017, p. 53). Esta apresentação irônica confirma, em certa medida, o caráter trágico e cômico das recordações da personagem, já apontando indícios da falência em suas imersões em distintos projetos. Até que finalmente chegamos ao balanço geral de sua vida. Por meio de lembranças e cálculos sobre algumas ocorrências, Brás diz terminar com o pequeno saldo de não ter deixado filhos.

Roberto Schwarz (2012) ressaltou que um dos caracteres formadores na personalidade do protagonista são os traços da “volubilidade”. Ou seja, Brás Cubas persegue suas ideias utilizando-se de meros caprichos e aventuras, de maneira que seu *modus operandi* nega virtudes de lealdade, esforço e perseverança, como destaca o pesquisador:

Volubilidade, em abstrato, é o oposto de constância. Neste plano acaciano ela não é boa nem má, pois os homens podem ser felizes e infelizes sendo constantes ou volúveis, e nunca são uma coisa só. O volúvel Brás Cubas, entretanto, desde a primeira linha do romance vai sentar-se no banco dos réus, verdade que para rir do leitor. Não quer defender a volubilidade, que de fato é culpada,

mas evidenciar a impotência de seus adversários, e gozar da própria impunidade (SCHWARZ, 2012, p. 57-58).

Os evidentes oportunismos e fraquezas, intrínsecas ao caráter de Brás Cubas, são fatores que de modo mais abrangente podem servir para compreender o funcionamento das elites brasileiras. Por exemplo, observamos nos capítulos “O emplasto”, “Genealogia” e “A ideia fixa”, explicações do autor sobre a causa de sua morte, ocorrida em função da criação de um emplasto (falso remédio que serviria para os males da humanidade). Destarte, encontramos acepções sobre sua genealogia familiar e as origens do sobrenome Cubas. No entanto, o horizonte dessa busca mira somente a “sede de nomeada” e a necessidade de aplausos.

O capítulo que será utilizado no recorte desta análise é intitulado “O menino é pai do homem”, nome que recorre ao poema *My heart leaps up when I behold* (1807), do poeta romântico inglês William Wordsworth (1770-1850), no verso que diz “The Child father of the man”². O texto machadiano evidencia a imagem emblemática da escravidão como base econômica do Brasil. Brás Cubas nos revela que foi uma criança “endiabrada” e que quando mais jovem gostava de montar no escravo Prudêncio, este era ele o seu “cavalo de todos os dias”, seu pai o repreendia, mas apenas nas “aparências e para o público” nunca na intimidade do lar, quando tratava o filho carinhosamente.

Ainda durante a infância vemos outras ocorrências que podem denotar traços do caráter deturpado de Brás Cubas. Lembremos do episódio em que o garoto vê Dona Eusébia na moita com Doutor Vilaça e termina por denunciar ambos para os convidados da festa. Anos depois encontra novamente Dona Eusébia, agora com a filha Eugênia, a qual chama em pensamento de “a flor da moita” aludindo ao episódio da infância. Brás, apesar de achar bela a garota, não consegue compreender como esta pode ter o defeito de ser coxa sendo simultaneamente bela.

O primeiro “amor” de Brás Cubas é por Marcela, com a qual ele gasta todas as economias do pai para logo se ver sozinho, como na frase: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.” (ASSIS, 2017, p. 89). Após esta enfática ocorrência, Brás é enviado pelo pai para estudar direito em Coimbra, mas o que fica em sua mente é apenas a casca do que aprende e algumas frases decoradas. Aliás, a noção de aprendizado do protagonista mostra-se apenas como aparência para exibições em conversas de salão, tal como os conselhos vistos em “Teoria do medalhão” (1881). Este conto mostra que a hipocrisia e cinismo valem mais do que qualquer virtude

² O Capítulo é iniciado com a menção do personagem Brás Cubas ao poema: “Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino”. (ASSIS, 2017, p. 75).

de esforço a aprofundamento, e ainda as questões da ironia que devem ser deixadas de lado em prol da galhofa e da falsidade.

Outro exemplo sobre o caráter de Brás é o capítulo “O almoocreve”, nesta passagem o protagonista tem a vida salva por um homem simples. No entanto, avalia internamente o quanto pode pagar, finalmente resolve dar a sua pior moeda, após muito refletir e chegar na conclusão de que para os pobres qualquer esmola é um grande feito. Aqui é possível lançar a seguinte questão: poderia este capítulo servir como analogia para a forma com a qual as elites e os políticos trataram e continuam tratando o problema da pobreza no país?

Com efeito, nota-se que a trajetória de Brás Cubas é uma sucessão de mortes das quais o personagem pouco parece se importar, seguindo sempre em busca de suas próprias realizações. Até mesmo quando sua mãe expira o narrador prefere evitar o sofrimento e logo salta para assuntos mais alegres, o mesmo ocorre com outras mortes, doenças e tragédias que acabam ironizadas ou viram motivo de galhofa.

A personagem Virgília surge na tentativa aludida pelo pai para que o filho finalmente ingresse na vida política e possa honrar o nome dos Cubas. Na relação Brás e Virgília as trocas e os interesses funcionam como uma via de mão dupla, porém esta prefere casar-se com Lobo Neves para galgar mais facilmente uma posição social favorável. Anos depois, Brás reencontra Virgília novamente e ambos começam a manter encontros secretos na casa de Dona Plácida, aqui o triângulo amoroso surge como tema recorrente nas obras de Machado de Assis, como em *Dom Casmurro* ou mesmo nos contos “A Cartomate” (1884) ou “Trio em lá menor” (1896). Percebe-se ainda que a personagem Dona Plácida possuí um valor apenas utilitário para Brás Cubas e Virgília, na medida em que é conivente com os amantes e dependente do favor de ambos para se sustentar. Como afirmou Roberto Schwarz (1981), as relações de favor foram convencionalizadas no cotidiano e constituintes na formação da vida social brasileira: “O favor é, portanto, o mecanismo através do qual se reproduz uma das grandes classes da sociedade, envolvendo também outra, a dos que têm.” (SCHWARZ, 1981, p. 16).

Há ainda a irmã Sabina e o cunhado Cotrim, ambos apresentam Damasceno e sua filha Nhã-Loló, com a qual Brás se envolve após o afastamento de Virgília. A relação dura pouco tempo pois a garota morre aos dezenove anos, fato que Brás Cubas encara com desprezo dizendo que em verdade não a amava.

O personagem consegue rápida passagem pela vida política quando vira deputado, mas sua atuação é pouco expressiva. Não consegue assim a carreira no ministério e sua única felicidade é advinda do fato que Lobo Neves morre pouco antes de também conseguir a realização política,

nivelando Brás com seu concorrente. Já ao final da vida entra para a “Ordem Terceira”, associação voluntária não remunerada e considera esta a sua melhor fase de vida, narrada no capítulo “Fase brilhante”. Não obstante, o fato de ajudar as associações parece servir ao personagem apenas como um prazer próprio, como forma de alimentar seu ego e vaidade.

Já velho, Brás Cubas reencontra pessoas que fizeram parte de diferentes momentos da sua vida, muitas delas ressurgem consumidas pelas décadas, pela pobreza, pela doença ou pela loucura, como o caso de Quincas Borba. Percebe-se que o protagonista circula por todas essas situações de forma sarcástica e encontrando explicações que possam isolá-lo de qualquer culpa. Por exemplo, no capítulo “O Vergalho” Brás Cubas reencontra anos depois o escravo Prudêncio. Agora liberto, Prudêncio tem um escravo para si, ao qual trata com chibatadas e humilhações, as mesmas que sofreu nas mãos do jovem Brás Cubas. Em vista da cena, Brás percebe as pancadas retransmitidas como um percurso natural da violência e da repressão que ele mesmo gerou na infância. Percebemos que neste narrador-protagonista não há qualquer tipo de remorso ou reflexão que provoque uma mudança de perspectivas. Veremos mais adiante como este horizonte, ao mesmo tempo cabotino e autoritário, estará intimamente atrelado aos anseios e caprichos das classes dominantes no Brasil.

A FIGURA DO ESCRAVO PRUDÊNCIO

O recorte escolhido para tratar de um importante aspecto discutido na obra foi o emblemático capítulo “O menino é pai do homem”. Nele, podemos perceber não apenas a formação e educação do jovem Brás, como os diferentes pontos de vista do protagonista sobre o trabalho escravo que existia em larga escala na forma de instrumento de produção na lavoura e utilizado para serviços domésticos.

É relevante lembrar que Machado fez parte de grupos abolicionistas que contavam com a presença de Joaquim Nabuco (1849-1910), junto de outros escritores e intelectuais. Desse modo, percebe-se efetivamente que muitas obras machadianas estão permeadas por este tema. No entanto, há narrativas em que o mote central é o debate sobre a escravidão como ocorre, por exemplo, no caso do conto “Pai contra Mãe” (1906). Podemos observar neste conto um narrador que aborda os aspectos mais grotescos da escravidão, a trama trata em linhas gerais do protagonista Cândido Neves, que para salvar a sua família da miséria, lança-se em bicos como caçador de escravos fugidos.

Nos trechos analisados no romance *Memórias Póstumas* podemos perceber os traços característicos de Brás Cubas bem como de outras personagens. É importante, entretanto, lembrar neste ponto que essa construção sempre se faz a partir de indícios e sinais que são deixados pelo

escritor, a partir dos quais o leitor dialoga e faz julgamentos. Nas obras de machadianas podemos observar uma aptidão para criar personagens profundamente marcantes, como percebemos, por exemplo, nas figuras de Capitu ou do próprio Brás Cubas.

No capítulo “O menino é pai do homem” o leitor é aproximado das rememorações de Brás Cubas ao longa da infância. O romance segue uma linha que capta fragmentos da vida do protagonista e que são colocados de uma forma não linear ou cronológica. Somos assim convidados a conhecer um pouco da vida familiar de Brás filho. Contando com cinco anos de idade, o garoto segue desde os primeiros anos os próprios caprichos e vontades. Este ensejo nos leva a conhecer também um pouco mais as figuras que o rodeavam por este tempo, sendo a imagem da mãe colocada como sem autonomia e sendo “de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa – caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido.” (ASSIS, 2017, p. 76).

O protagonista-narrador nos conta que entre os cinco e seis anos de idade era apelidado de “menino diabo”, para exemplificar tal alcunha relembrava de quando quebrou a cabeça de uma escrava por esta ter lhe negado uma colher do doce que preparava, Brás ainda culpa a escrava diante dos pais. Em seguida, ele descreve a figura do escravo Prudêncio:

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um “ai nhonhô!”, ao que eu retorquia: “Cala a boca, besta!” (ASSIS, 2017, p. 75).

Neste trecho, pode-se observar certos traços do caráter de Brás Cubas e que denunciam a sua educação doméstica, isto é, a família contava com escravos que eram abusados pelo garoto. De fato, no período era comum as casas contarem com escravos para diversos serviços, traço lembrado nas crônicas e contos machadianos. No Brasil, ainda no século XIX, os escravos começam a se tornar uma espécie de “peso” para os proprietários e donos de terra, na medida em que o desenvolvimento do capitalismo (visando o mínimo de gastos e máximo de lucros), torna as tarefas de tráfico, compra e venda de trabalhadores um ônus: “Sendo uma propriedade, um escravo pode ser vendido, mas não despedido. O trabalhador livre, nesse ponto, dá mais liberdade a seu patrão, além de imobilizar menos capital” (SCHWARZ, 1981, p.14).

Outras figuras enfatizadas no capítulo em questão são os tios de Brás Cubas, podemos observar caracteres contraditórios entre o tio João e o tio cônego. O primeiro, descrito como homem livre, galante e muito afeito as anedotas, tinha grande prazer em “palestrar com as escravas”. Em

visitas aos Cubas, tinha o costume de contar piadas e fazer galhofas. Já o tio cônego é descrito como o oposto de João, mas apesar de caridoso via nos rituais eclesiásticos da Igreja apenas a casca: “via o lado externo, a hierarquia, as preeminências, as sobrepelizes, as circunflexões. Vinha antes da sacristia que do altar. Uma lacuna no ritual excitava-o mais do que uma infração nos mandamentos.” (ASSIS, 2017, p.77). A última, Dona Emerenciana, uma tia citada brevemente e sendo a que mais tinha autoridade sobre o jovem Brás. Sobre sua educação e criação o narrador nos indica que:

O que importa é a expressão geral do meio doméstico, e essa aí fica indicada – vulgaridade de caracteres, amor das aparências rutilantes, do arruído, frouxidão da vontade, domínio do capricho, e o mais. Dessa terra e desse estrume é que nasceu esta flor (ASSIS, 2017, p.76).

Outro capítulo emblemático do romance é intitulado “O vergalho”, este surge após muitos fatos ocorridos na trajetória do narrador, porém serve como importante reflexão e suscita novamente o tema da escravidão. Brás Cubas, anos após o episódio citado sobre sua infância, caminha pelas ruas do Rio de Janeiro, exatamente na região chamada de “Valongo”. É relevante citar que este local da cidade concentrava quase todo o comércio de escravos, sendo o lugar em que chegavam os africanos e ocorriam as compras e vendas. Em sua caminhada, Brás Cubas se depara com Prudêncio, mais velho e livre, entretanto agora como proprietário de um escravo. Na cena, o ex-escravo trata o outro com diversas pancadas e utiliza-se das mesmas expressões que ouvia na infância como: “Cala a boca, besta!”. O leitor percebe que as crueldades vividas no passado tornaram-se marcas patentes no presente, o narrador Brás Cubas aponta então que:

Era um modo que o Prudêncio tinha de se desfazer das pancadas recebidas – transmitindo-as a outro. Eu, em criança, montava-o, punha-lhe um freio na boca, e desancava-o sem compaixão; ele gemia e sofria. Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir desagrilhado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto! (ASSIS, 2017, p.76)

É possível salientar nesta cena o quanto a violência e a repressão tendem na maioria dos casos a se espalhar na sociedade, gerando um efeito de transmissão que faz com que o oprimido se transforme no opressor. Brás Cubas, apesar de relembrar os fatos ocorridos na infância, não percebe o ato presenciado como algo negativo, aplicando novamente seu tom sarcástico e irônico.

ASPECTOS DA SERVIDÃO E DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Como visto anteriormente, é possível compor um recorte sobre obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que esteja ligado com os preceitos que contemplam a escravidão como foco de discussão. Percebe-se que havia no escritor Machado de Assis um forte impulso que buscava avidamente analisar as questões sociais, políticas e econômicas de seu país, sobretudo o fato execrável da escravidão (que evidentemente o escritor observou em seu cotidiano). Estas questões eram pensadas e reveladas sempre de maneira profícua e com o passar dos anos de modo cada vez mais direto e contundente. Estas formas eram então paulatinamente condensadas dentro da linguagem e de sua composição literária.

Pode-se dizer que a escravidão funcionou no Brasil como a principal base do sistema econômico. O país, fundado nos pressupostos de uma colônia de exploração, tinha na metrópole Portugal o destino de toda a sua matéria prima. A escravidão de indígenas logo encontrou enormes dificuldades, muito embora essas comunidades tenham sido em larga medida dizimadas não apenas no Brasil como em toda a América, aos poucos os indígenas eram então substituídos pela mão de obra trazida do continente africano.

O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravidão, mas não havia de fato nenhum plano de suporte para o contingente de escravos que após a libertação tornam-se espoliados dos meios de produção. No livro *Machado de Assis: historiador*, Sidney Chalhoub (2003) propõe uma análise das obras machadianas a partir dos acontecimentos que marcaram a história brasileira. O pesquisador ressalta que a partir de 1860 o discurso em torno da escravidão mudaria entre os políticos e entre as elites, tendo em vista o atraso que era percebido pelo resto do mundo perante esse sistema de trabalho:

Algo mudara, porém, ao longo dos anos 1860, para dar à retórica habitual outro sentido. O Brasil tornara-se o último baluarte da escravidão no mundo ocidental: “Resta só o Brasil; resta o Brasil só”, declamou Pimenta Bueno, após relatar o processo mundial de emancipação dos escravos, desde as colônias britânicas na década de 1830 até as recentes ondas de sangue na América do Norte, passando pela libertação dos cativos nas colônias de França, Portugal, Holanda e Dinamarca e pela impressionante libertação de vários milhões de servos na Rússia (CHALHOUB, 2003, p. 141).

Parte das leis implantadas ao longo do século XIX seguiam na verdade anseios de visibilidade política, desejos muito mais atrelados com os novos pressupostos do capital e das dinâmicas comerciais do que propriamente com o fim da escravidão. Leis como, por exemplo, a “Bill Aberdeen” que em 1845 daria para a Inglaterra o poder de aprisionar qualquer navio que estivesse composto por

escravos. No Brasil houve a Lei “Eusébio de Queirós”, que refutava o comércio transatlântico. Em 1871 a “Lei do Vento Livre” daria a liberdade para as crianças nascidas a partir desta mesma data, há também a “Lei dos Sexagenários” que libertaria os escravos com mais de sessenta anos. Em certa medida, todas estas leis surgem de algum novo interesse e mostram a despreocupação que havia com os libertos.

Nesse sentido, uma obra que funciona como importante documento histórico é o livro *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*, de Ina von Binzer (1994). Este livro reúne os diários da preceptora alemã de nome Ulla von Eck ou Ina von Binzer, que foram escritos entre os anos de 1881 e 1883, período em que vive entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. A educadora chega ao Brasil para trabalhar na casa de famílias proprietárias, nesses locais ela tinha a função de educar as crianças ensinando artes e línguas, tendo trabalhado também como professora em um colégio no Rio de Janeiro. As cartas possuem várias acepções, algumas vezes são um desabafo sobre a vida no Brasil, outras vezes falam sobre o choque cultural e na grande maioria trata dos temas da escravidão, amplamente vista no cotidiano das famílias.

A preceptora alemã escreve uma carta com data de 14 de agosto de 1881 na qual podemos observar aspectos da escravidão impressos nas bases da sociedade brasileira. O trecho a seguir mostra traços cotidianos da servidão e da dependência, apontando para a variedade de serviços utilizados com a mão de obra composta basicamente por negros:

Todo o serviço doméstico é feito por pretos: é um cocheiro preto quem nos conduz, uma preta quem nos serve, junto ao fogão o cozinheiro é preto e a escrava amamenta a criança branca; gostaria de saber o que fará essa gente, quando for decretada a completa emancipação dos escravos. Na nossa Europa muito pouco se sabe a respeito da lei referente a esse assunto, e imaginávamos que a escravidão fora abolida. Mas não é assim. Foi determinado apenas que no dia de sua promulgação em diante, 28 de setembro de 1871, ninguém mais nasceria escravo no Brasil. Quem já vivia como cativo nessa época assim permanecerá até a morte, até o resgate ou até a libertação. Os pretinhos nascidos agora não têm nenhum valor para seus donos, senão o de comilões inúteis. Por isso não se faz nada por eles, nem lhes ensinam como antigamente qualquer habilidade manual, porque, mais tarde, nada renderão (BINZER, 1994, p. 40-41).

Vale lembrar que o período em que Ina von Binzer escreve suas cartas é o mesmo em que Machado de Assis publica o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nota-se ainda que durante a década de 1880 houve um grande levante abolicionista no país, ou seja, cada vez mais a pressão aumentava até culminar no 13 de maio de 1888. Em uma outra carta escrita em São Paulo com data de 21 de abril de 1882, vemos a situação descrita por Ina von Binzer que serve como um retrato das ocorrências no período:

Não há dúvida que é um lindo movimento, mas quanta lama vem à tona! Quanta sujeira aparece! O jornal alemão do Rio abre de vez em quando uma crônica sobre o assunto. Na Província de Espírito Santo, há algum tempo, compraram de seus senhores dois escravos com a idade de 69 e 70 anos por mil marcos cada um! Quem lucrou com isso? Esses pobres velhos cativos já esgotados, que a morte bem cedo libertaria e que se viam agora arriscados a mendigar seu pão? Ou os seus senhores? (BINZER, 1994, p. 99-100)

É possível salientar que as cartas escritas por Ina von Binzer funcionam como importante fonte histórica do cotidiano social brasileiro, tendo em vista que a preceptor(a) acompanhou cenas e acontecimentos emblemáticos da escravidão. A educadora conviveu de perto com as elites brasileiras, muitas das quais poderiam até mesmo se aproximar do contexto de vida que o protagonista Brás Cubas narra em suas memórias. O nome “Meus Romanos”, presente no livro, faz uma alusão ao convívio com as crianças burguesas que muitas vezes tinham nomes de imperadores. A educadora chega a comentar em algumas cartas sobre a dificuldade de conseguir ensinar e manter as crianças concentradas e comportadas. Nessas passagens pode-se lembrar de Brás Cubas em sua deseducação e liberdade de criança mimada e rica: “Cresci, e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como crescem as magnólias e os gatos” (ASSIS, 2017, p. 75).

A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DESIGUAL

A leitura crítica da vida social observada no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* nos ajuda a compreender os aspectos contemporâneos como resultado da formação histórica. De fato, se fizermos uma análise mais detida sobre a sociedade brasileira, será possível encontrar heranças que apontam para relações baseadas nos preceitos hierárquicos e fundamentada em espoliações. Estes fatores acabam por revelar tipos de visões que se cristalizaram ao longo de séculos de exploração e desigualdade. No livro *O povo brasileiro*, Darcy Ribeiro (2006) aponta para este importante fato que, em certa medida, perdura até os dias atuais:

Nossa tipologia das classes sociais vê na cúpula dois corpos conflitantes, mas mutuamente complementares. O patronato de empresários, cujo poder vem da riqueza através da exploração econômica; e o patriciado, cujo mando decorre do desempenho de cargos, tal como o general, o deputado, o bispo, o líder sindical e tantíssimos outros. Naturalmente, cada patrício enriquecido quer ser patrão e cada patrão aspira às glórias de um mandato que lhe dê, além de riqueza, o poder de determinar o destino alheio. (RIBEIRO, 2006, p. 191)

Dentro da concepção desigual na qual o país foi arquitetado, é possível encontrar uma estrutura alicerçada no paternalismo e no apaziguamento do racismo. Desse modo, nota-se que há no

Brasil um relevante fator agravante a ser lembrado: a falsa relação de cordialidade que foi construída ao longo dos anos de exploração. A imagem do agregado, do escravo, do negro e dos subalternos foi imensamente abordada na literatura brasileira por escritores como Lima Barreto (1881-1922), Castro Alves (1847-1871), Aluísio Azevedo (1857-1913) e Machado de Assis. Estes e outros autores, inseriram em suas narrativas os símbolos desta estrutura de poder, uma estrutura que se por um lado alijava as camadas negras e pobres, por outro se mostrava branda e apaziguadora.

As relações de abuso tornaram-se evidentes ao final do processo de escravidão, quando mulheres e homens negros libertos precisavam se sustentar para viver dentro das novas relações de trabalho. Vale lembrar que muitas mulheres negras encontraram nos lares senhoriais e no trabalho doméstico uma forma de sobrevivência. A pesquisadora Lorena Féres da Silva Telles (2013) aborda em seu artigo “Libertas entre sobrados – Mulheres negras e trabalho doméstico em São Paulo (1880 – 1920)” a forma como muitas mulheres eram abusadas por fazendeiros. É possível perceber traços evidentes dessa relação pelos assustadores anúncios de jornal contendo denúncias e recompensas para a captura de escravas fugidas. Neste panorama mercadológico, as mulheres negras precisavam se adaptar e sobreviver de algum modo, como lembra a autora:

No contexto de industrialização incipientes que auferia poucas oportunidades econômicas às mulheres, escravas, libertas, livres, pobres e imigrantes disputaram a sobrevivência do trabalho desqualificado e mal pago, que compreendia as atividades de subsistência desvalorizadas na economia de exportação que produzia para o lucro. Evidentemente negra, livre, brasileira e feminina, a mão de obra ocupada com a cozinha, o pequeno artesanato doméstico, a limpeza da casa, a lavagem, a costura, o engomado das roupas e o cuidado de crianças atendia a toda a escala social, no bojo das transformações socioeconômicas vivenciadas na cidade de São Paulo durante o último quartel do século XIX (TELLES, 2013, p. 47).

É relevante apontar que ao longo do século XIX a visão cientificista sobre as raças foi também um tema largamente utilizado como forma das elites justificarem os pressupostos da divisão e exploração das relações de trabalho. No caso do Brasil, houve logo após a escravidão um processo de higienização que apontava para um possível branqueamento da sociedade, ao longo deste caminho traçado pode-se dizer que os negros estavam completamente espoliados de qualquer plano de inserção social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises realizadas neste artigo tiveram como intuito suscitar pontos chave presentes na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, propondo um recorte que enfatizou a questão da escravidão no Brasil. Cabe lembrar que diversos aspectos da vida social que surgem nos textos machadianos servem como importantes fontes de análise para compreender a formação do país.

Nas últimas páginas do romance machadiano, vemos que Brás Cubas em sua trajetória reencontra figuras que passaram por sua vida, algumas surgem carcomidos pelo tempo, pela pobreza ou pela doença como Marcela, Eugênia e Dona Plácida, outros são levados pela morte inevitável como Lobo Neves, e outros são tomados pela loucura como Quincas Borba. Brás Cubas, já velho e morando na chácara do Catumbi, certo dia tem a ideia de criar um emplasto anti-hipocondríaco que poderia tranquilizar as melancolias da humanidade. O personagem, no entanto, morre sem conseguir criar o remédio, ao final vemos os cálculos que o defunto-autor fez dos acontecimentos em vida:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto. Não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque, ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: - Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria. (ASSIS, 2017, p. 243).

É possível perceber que Brás Cubas parece caminhar pelas ruínas humanas sem culpa ou arrependimento. Com efeito, utiliza-se de muita ironia, desdém e sarcasmo, preservando seus egoísmos, vaidades e interesses, sempre de forma volúvel e enxergando os modos de manter os próprios caprichos. O fato é que neste protagonista-narrador, podemos perceber indícios de como as classes dominantes se comportavam no Brasil, sendo também possível compreender como as relações de favor e as bases escravistas fundamentaram o mecanismo propulsor do trabalho e das socializações em um país que se desenvolveu na periferia do capitalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Porto Alegre: Editora L&PM, 2017.

ASSIS, Machado de. **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. 1. ed. São Paulo: Globo, 2008.

ASSIS, Machado de. **Iaiá Garcia**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

BINZER, Ina von. **Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil**. Tradução de Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. Edição Bilíngue. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. Série Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CARDOSO, Ciro Flamarión. **Escravidão e abolição do Brasil: novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis: historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. **Machado de Assis, o escritor que nos lê**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

MACHADO, Maria Helena P.T. **O Plano e o Pânico. Os Movimentos Sociais na Década da Abolição**. Rio de Janeiro: Edit. UFRJ, São Paulo: EDUSP, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. São Paulo: Editora 34, 2012.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1981.

TELLES, Lorena Féres da Silva. **Libertas entre sobradinhos: mulheres negras e trabalho doméstico em São Paulo (1880 – 1920)**. São Paulo: Alameda, 2013.